

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Publicação do Departamento de Cultura e de Recreação
ORGÃO DA SOCIEDADE DE SOCIOLOGIA



Ano II	DIRETOR MARIO DE ANDRADE	SÃO PAULO 1935	SECRETARIO SERGIO MILLIET	Vol. XVII
SUMARIO				
NACIONALISMO SETECENTISTA		Affonso de E. Taunay		
RAÇA DE JACQUES FELIX, POR SILVEIRAS		Carlos da Silveira		
BANDEIRISMO TAUBATEANO		Felix Gulsard Filho		
SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO		Nuto Sant'Anna		
SÃO BERNARDO		(Documentos)		
INQUERITO SOBRE ALIMENTAÇÃO POPULAR EM UM BAIRRO DE S. PAULO.		Drs. G. H. de Paula Souza, A. de Ulhôa Cintra e Pedro Egydio de Carvalho		
UM ASPECTO DA MORTALIDADE INFANTIL EM SÃO PAULO		Redação		
LIRA PAULISTANA		Antônio de Alcântara Machado		
A SUCESSÃO HEREDITÁRIA DOS INDIOS TERENOS		Herbert Baldus		
ELEMENTOS CIGANOS NA GIRA BRASILEIRA		José d'Oliveira China		
CHUE		Plínio Ayrosa		
ARQUEOLOGIA BRASILEIRA		Prof. Ruy W. Tibiricá		
ORDENS REGIAS — PAPEIS AVULSOS — ATOS OFICIAIS				

A SUCESSÃO HEREDITARIA DOS CHEFES DE TRIBU DOS INDIOS TERENO

(Sul de Mato-Grosso)

Herbert Baldus

(Especial para a REVISTA DO ARQUIVO)

O prof. Herbert Baldus, que nos honra com a colaboração de suas pesquisas etnológicas, é autor de varios trabalhos originaes, dos quais o mais importante "Indianer Studien im Nordötlichenen Chaco" (Leipzig, 1931) é o XI vol. da coleção "Forschungen zur Völkerpsychologie und Soziologie", editada sob a direção de Richard Thurnwald, professor na Universidade de Berlim. Publicou ainda, entre outros artigos, em revistas sulamericanas, como na revista do Instituto de Etnologia (t. II, pags. 471 a 479), de Tucuman, e, em revistas científicas de Berlim e de Viena, diversos estudos etnológicos na Revista do Museu Paulista: "Os indios Chamacoco" (t. XV, S. Paulo, 1927); ligeiras notas sobre os indios Guaraní, do litoral paulista (t. XVI, S. Paulo, 1929), e notas complementares sobre os indios Chamacoco (t. XVII, São Paulo, 1931). Tendo partido para Mato Grosso, em fevereiro do corrente ano, para investigações sobre os Bororós, Carajás e os indios desconhecidos do curso superior do rio das Mortes, ficou de remeter, para o proximo numero dos Arquivos do Instituto, um trabalho com o resultado de suas pesquisas sobre a vida das crianças e dos adolescentes e os processos de educação nesta tribus indigenas.

Até agora, pouco se sabia da posição social do chefe da tribo entre os índios sulamericanos e de sua importancia em face do casamento e da sucessão hereditaria. A maior parte dos que observaram aquelas tribus de caçadores, colecionadores e agricultores "inferiores" contentam-se em apresentar o chefe como *primus inter pares*, cuja autoridade só pôde alcançar importancia decisiva na guerra e ocasiões extraordinárias. Sabemos, porém, que entre alguns índios — por exemplo os Chamacoco e os Kaskihá — a diferença essencial, depois do casamento, está no fáto de mudar-se o marido comum para o acampamento da mulher, passando a mulher dum chefe ou seu primogenito a morar no acampamento do sogro ou do marido. Pude observar tambem entre os povos caçadores que são os Chamacoco e Bororó, que tanto como os Guaiacuru, parecem acreditar num "sangue mais nobre" dos chefes e consequentemente no direito a ocupar uma posição de destaque.

Só em fevereiro de 1934, entre os Tereno que moram perto de Miranda no Sul do Estado de Mato Grosso, tive a oportunidade de estudar mais minuciosamente o casamento e a sucessão hereditaria dos chefes. Apesar de estar esta tribo Arawako, provavelmente já desde o seculo XVII, em relações pacificas com os brancos e, indubitavelmente, desde o meiado do seculo passado em contacto sempre mais chegado, conservou, além de sua lingua, certas instituições de ordem social. Já o Visconde de Taunay observou como caracteristico do Tereno: "Aceita com dificuldade as nossas idéas e conserva arraigados os usos e tradições de sua raça, graças talvez a um espirito mais firme de liberdade".

Os Tereno, cujo numero segundo os diferentes relatos oscila, há mais de cem anos, entre dois e quatro mil individuos, dedicaram-se desde época remota, á agricultura, reunindo-se em aldeias de que existem atualmente onze.

Devo as informações seguintes ao chefe da aldeia Murreira, a quem os mirandenses chamam José Correia. Seu nome em tereno, era antigamente Kalapetí, isto é, canhoto, o que era apenas uma alcunha, sendo verdadeira casualidade o tornar-se êle mais tarde realmente canhoto. Os nomes são dados, logo depois do nascimento, por um velho, parente chegado do pai ou da mãe. Quando a mãe de José morreu, um parente velho do pai deu-lhe um nome novo, Naliki. Quando um dos pais morre, todos os filhos recebem novos nomes, para que o pai sobrevivente não se lembre do passado por meio dos antigos apelidos e para que deste modo não se entristeça. Se o pai sobrevivente tambem morre, não se mu-

dam mais os nomes dos filhos. Os de outras pessoas, por exemplo o do viuvo ou da viuva, ficam sem alteração no caso de morte.

O casal torna a encontrar-se depois da morte e fica então reunido para sempre. Naliki que está viuvo, disse: "Tenho ainda a esperança de encontrar minha mulher no outro mundo. Perguntei-lhe como era esse outro mundo. Ele respondeu: o outro mundo é como aqui. Antigamente a gente jogava o morto na agua ou, se isto não era possivel, queimava-se o cadaver. Quando alguém estava morto, não saía dele coisa alguma; só a lombriga saía se o morto tivesse tido esta doença. Na agua, o morto torna-se outra vez qualquer animal. Êle foi, antes de ser homem, animal. Tambem o queimado torna-se animal. Quando o animal morre, continúa a viver no outro mundo. O outro mundo está embaixo da terra. Nunca a minha vida acaba completamente".

Muito tempo antes do parto, pai e mãe não comem tatú, tamanduá-mirim e fruta do araxicú, porque senão o filho morre no ventre da mãe e não saí. Êles usam das mesmas abstenções tambem depois do parto e deitam-se. A mãe fica deitada muito tempo; o pai, porém, agora apenas dois a três dias; antigamente êle deitava-se até cinco dias.

Nada indica si preferem o nascimento dum filho ao duma filha ou o contrario; nos indios tal preferencia depende do gosto individual.

Se um jovem pretende uma moça, faz-lhe uma alocução que se póde traduzir mais ou menos da maneira seguinte: "Quero, amo esta mulher, queria estar casado, quero, quero, amo". A moça, estando de acôrdo declara simplesmente: "Quero". — Então a mãe do jovem fala com a mãe da moça e o pai do jovem com o pai da moça. O jovem dá presentes aos sogros, e estes dão presentes a êle. Ninguem costuma ter relações sexuais antes de estar casado. Antes de realizar a união conjugal, o futuro esposo fica sabendo por parte de seu pai e a futura esposa ouve de sua mãe que a gente deve deitar-se num lado do corpo de maneira que fique um em frente ao outro, "Primeiramente deveis fazê-lo assim, porque desde o começo da tribu sempre foi feito assim; mais tarde podeis fazê-lo á vontade". Se o casal não quer ter filhos, ainda a mulher usa dum profilático: assa um caramujo, põe o caldo ao orvalho da aurora e toma-o de manhã muito cedo: para o mesmo fim, tambem póde comer certa frutinha do matc que tem cheiro de abacaxí, mas deve

comê-la sómente bem madura. Antigamente não havia briga por causa de ciumes entre homem e homem, homem e mulher, ou mulher e mulher: hoje tais cousas acontecem.

Ha mulheres que têm preguiça: o marido faz então o trabalho da esposa. Mas ha também homens preguiçosos que deixam fazer o seu trabalho pela mulher. Devo a Naliki as informações sobre a sucessão hereditária dos chefes, as quais, indubitavelmente, nenhum outro Tereno podia ter dado tão exáta e extensamente. Porque Naliki tem perto de noventa anos. Tem, na cabeça, profundas cicatrizes da guerra do Paraguai e contou-me como naquele tempo, em 1865, quando rapaz de mais ou menos vinte anos, lutou contra os soldados paraguaios. Agora é um ancião vigoroso de figura alta e esbelta, de cabelo cheio no qual só poucos fios brancos aparecem, de bigodinho branco e mosca, de bons dentes incisivos na mandibula inferior e alguns dentes molares, de olhos estreitos e fundos no rosto oval, amarelo-pardo e nobremente afeiçoado, de mão agradavelmente fria e seca, de camisa nova, calças limpas, enorme chapéu de palha, andar vagaroso, mas juvenilmente eréto.

Naliki é muito modesto: é cortês, finalmente reservado e de suave cordialidade. Dele pôde-se dizer o mesmo que o Visconde de Taunay relata do chefe dos Tereno da aldeia de Piranhinha: "Nunca falou de si. Mostrando sempre os principios da boa educação, deu-nos provas de inteligencia clara e capaz de desenvolvimento". A atividade intelectual de Naliki e, antes de tudo, a sua contínua disposição de ajudar-me se revelavam pelo fáto de que das sete horas da manhã até ás cinco da tarde procurou responder minuciosamente as minhas perguntas mais exquisitas: é verdade, porém, que depois de alguns dias, queria explicar-me ter dôr de cabeça, dizendo: "Minha cabeça está longe".

Cada aldeia tem o seu chefe. Antes da guerra do Paraguai havia oito aldeias, todas subordinadas a um chefe supremo. A familia dele extinguiu-se. "Não teria sido bom eleger um novo?" — "Sim", diz Naliki, "mas nunca se pensou nisto".

Os Tereno vivem em monogamia. Os filhos pertencem ao parentesco do pai. Mas os parentes maternos também têm importancia porque, muitas vezes, o avô pede ao irmão da nóra que traga para os netos, da caçada, alguma cousa que especialmente desejem. Assim era antigamente, e assim é hoje ainda muitas vezes. O pai fornece só a comida ordinária aos filhos, mas não petiscos particularmente desejados.

Enquanto o povo casa sempre dentro da aldeia, (endogamia), construindo o marido a casa de que a mulher se torna proprietária, os filhos de chefes só se casam entre si, ou, se isto não é possível, se casam pelo menos com parentes em grau muito arredado de chefes, e, por conseguinte, fóra da aldeia (exogamia), o homem passando não raras vezes a morar na aldeia do sogro. O pai da mãe de Naliki era chefe da aldeia Mureira, já antes da guerra do Paraguai. Chamou-se Himuná. O sucessor dele era o pai de Naliki, de nome Etchiviagati. Era o filho primogenito do chefe da aldeia de Abacaxí. Geralmente, o filho primogenito do chefe é sucessor do pai, si não ha mais filhos velhos do irmão do pai. Mas como todos os filhos de Himuná tinham morrido sem descendencia masculina e como Himuná tinha filhos de irmãos e de irmãs, e como o pai de Etchiviagati estava ainda, com muito vigor, Etchiviagati, como marido da filha mais velha de Himuná, passou a morar na aldeia do sogro e tornou-se, mais tarde, como sucessor dele, chefe de Mureira: cedeu o governo de Abacaxi, depois da morte do pai, ao irmão menor.

Quando, mais ou menos em 1925, Etchiviagati morreu, Naliki na qualidade de mais velho dos irmãos e mais velho que os filhos dos irmãos de seu pai, tornou-se chefe de Mureira; Naliki, naquele tempo, por conseguinte, já tinha oitenta anos. Tinha dois filhos e duas filhas. O filho primogenito está casado com uma filha do chefe de Passarinho e mora com o pai em Mureira (mas em casa própria). O outro filho está casado com uma filha do chefe de Cacherinha e mora também com o seu pai em Mureira. A filha mais velha era casada com o filho primogenito do chefe de Lalima e morreu dum parto. A outra filha, mora também em Lalima, estando casada com o segundo filho do chefe de lá.

* *

A ordem da sucessão hereditária dos chefes dos Terreno é a seguinte:

- 1) O mais velho dos filhos e dos filhos dos irmãos do chefe;
- 2) O mais velho dos filhos e dos filhos dos irmãos do numero 1 (por conseguinte, ou o mais velho dos filhos dos filhos do chefe ou o mais velho dos filhos dos filhos dos irmãos do chefe);
- 3) O mais velho dos filhos das irmãs do chefe;
- 4) O marido da filha mais velha do chefe;

- 5) O mais velho dos filhos da filha mais velha do chefe.
- 6) O marido da filha mais velha do numero 1, por conseguinte, do mais velho dos filhos e dos filhos das irmãs do chefe;
- 7) O irmão mais velho depois do chefe;
- 8) O marido da mais velha das filhas dos irmãos do chefe;
- 9) O marido da irmã mais velha do chefe;
- 10) O marido da mais velha das filhas das irmãs do chefe.

* *

Segundo, o que ficou dito acima, poder-se-ia supôr que, no caso do chefe não ter descendentes, irmãos e irmãs, não entrem na sucessão hereditaria os parentes, de sua mulher, mas o mais velho dos irmãos do pai do chefe e a descendência deste ou, no caso de que tal não exista, o marido da mais velha das irmãs do pai do chefe. Não pude porém averiguá-lo. -

* *

Para a melhor compreensão da ordem da sucessão hereditaria, serve o seguinte diagrama exemplicador no qual a letra *a* significa sempre o indivíduo mais velho e por isso com o direito á sucessão hereditaria.

Geralmente por conseguinte, o mais velho dos filhos e dos filhos dos irmãos torna-se sucessor. Se êle, como no caso de Etchiviagati, renuncia, em vida do chefe, a essa sucessão, para tornar-se sucessor do sogro que ficou sem herdeiros masculinos, então, o mais velho dos irmãos depois dele ou o mais velho dos filhos dos irmãos herda o governo. Póde acontecer tambem que o sogro não tenha herdeiros masculinos e o pai apenas um. Neste caso, este ultimo, depois da morte dos dois, toma o governo de ambas as aldeias, até que o seu filho mais velho se case, tornando-se então chefe de uma das duas aldeias, geralmente da do pai da sua mãe.

Os outros filhos dum chefe, em geral, têm a liberdade de morar, depois de casados, na aldeia do pai ou do sogro. Só é necessário ou desejado que passem a morar com o sogro, se este não tiver herdeiros masculinos e se eles se casarem com a filha mais velha dele.

Se um chefe deixa sómente filhos de menor idade ou filhos dos irmãos, filhos dos filhos, filhos do filhos dos irmãos e filhos das irmãs nas mesmas condições, então o marido da mais velha das suas filhas ou netas ou, se não existem filhas e netas casadas, o marido da sua irmã mais velha encarrega-se da sucessão até o casamento do herdeiro do falecido chefe. Só no caso de não estar casada nenhuma filha, neta, ou irmã e irmão mais velho depois do chefe pôde encarregar-se do governo até o casamento do herdeiro.

Em todo o caso, o mais característico da ordem da sucessão hereditária dos chefes dos Tereno é a igualdade dos filhos e dos filhos dos irmãos do chefe, com o fim de ter o mais velho deles o direito a sucessão.

* * *

Tambem devo a Naliki os seguintes textos de mitos:

Da vida dos antepassados

Eu vou contar uma história como era antigamente com os nossos antepassados. Naquele tempo existia Tutiye que era uma pessoa sem cabeça. Ninguém podia defender-se contra êle. Quando chegou, matou muita gente. Contam que havia uma virgem que matou Tutiye. Ela ficou parada no caminho de Tutiye e fez uma armadilha. Contam que chegou o bicho (Tutiye) e morreu aí. Então foi saindo a gente do mato. A virgem tinha feito a armadilha. Tchoke, um passarinho, chegou como espia de Tutiye. Tutiye aproximou-se. Tchoke lhe contou da armadilha. Tutiye parou. Tchoke lhe disse então que podia ir adiante porque o que falou da armadilha não era verdade. Tutiye foi adiante e caiu no buraco. E a virgem chamou a gente, quando morreu Tutiye. A gente chegou e festejou a morte de Tutiye.

Contam também que os Moolé, tinham o machado Inhámoyá. Os Moolé eram uma especie de gente, porém mais propriamente bicho do que homem. Não sabiam falar, e eram velhos e pequenos. Não havia muitos. Andavam sempre dois a dois. Havia também o Pitanoé. Este era como os Moolé mas andava sempre sozinho, e havia um unico Pitanoé. Eu estava cortando nuvens com um machado, porque queria derrubá-las. Os moolé chegaram e trocaram com êle o Inhámoyá pelo machado bom do Pitanoé que, então, bateu com o Inhámoyá nas nuvens. Mas o machado Ihámoyá era tão mole que se tornava menor a cada golpe, tornando ao mesmo tempo, maior a nuvem. Si os moolé não tivessem trocado o Inhámoyá pelo machado bom, do Pitanoé, as nuvens teriam caído na terra por causa de Pitanoé.

Veiu Pitanoé e deu aos antepassados um embrulho, no qual não havia outra cousa senão uma arara: deu esta para eles. Veiu Pitanoé e deu aos antepassados um embrulho, no qual não havia outra cousa senão mosquito polvora. Estes saíram e se espalharam. Os antepassados então soltaram a arara e esta foi embora e se espalhou.

Aí teve algarrobo. Vieram os antepassados e plantaram. Assim tinham para comer por causa do Pitanoé que lhes tinha dado a semente para plantar. Toda a gente então pôde viver.

Aí os antepassados chamaram muitos tios. Estes vieram para saber o que os antepassados desejavam. Os antepassados lhes disseram o que os sobrinhos queriam para comer. Então os tios foram caçar e trouxeram o desejado. Entre os tios, houve um arruinado que não trouxe nada. Este lançou dentro da grande cabaça que cada caçador leva na caça, o esterco de um animal, quando o sol entrou.

* *

COMO OS TERENO VIERAM A' LUZ

Eu indio saí da terra. Vanone teve dó de mim. Quando nasci, não achei nada. Agora saí da terra e arrumei depois aqui a minha casa. Então chegaram os vizinhos á minha terra. Eu indio nasci. Hoje tem aqui estes vizinhos. Eu sou daqui. Nesta terra está a minha casa.

* *

Naliki deu o seguinte comentário ao ultimo texto:

Antes de haver indios, já todos os animais viviam na terra. Os indios viviam quasi como bichos embaixo da terra. Os Vanone saíram da terra antes dos indios. Os Vanone eram uma tribu grande, eram gente numerosa, pequena e como bicho: falavam como passarinhos, faziam só: "hó hó, hó"; não diziam outra cousa. Mas podiam entender-se com os indios. Chamaram os indios, para subir. Os Vanone ensinavam a falar a todas as tribus e davam á cada tribu a lingua deles. Depois voltavam para dentro da terra. Provavelmente, ainda estão lá, porque aqui não aparecem mais.

Diferentes animais traziam sementes e ensinavam a plantar. O fogo, isto é, os pãezinhos para produzir o fogo, os Tereno receberam-nos dos Vanone.

* *

Os Tereno a si mesmos se chamavam, poké-poké, o que significa Terra. A lenda da origem destes índios explica este nome.

* *

Na cidadezinha de Miranda há um passeio lageado na orla da rua principal. No meio deste passeio e diante das suas casas, pequenos comerciantes sirios, portugueses e italianos costumam pôr cadeiras e passam, conversando sentados, os seus dias monótonos. No mês de fevereiro cantavam, de manhã á noite, a nova canção do carnaval, a lourinha de olhos de cristal, repetindo-a sem cessar. Cantavam diante do meu pequeno hotel, onde eu estava a ouvir religiosamente o que Naliki me contava da cultura espiritual e social de sua tribo. Quando o velho chefe, antigo senhor das terras de Miranda,, saiu do hotel, não usou o passeio calçado. Devia, como todos os índios, descer do passeio e andar na lama, em respeito aos chamados civilizados.

25